

O ALIADO EXTERNO DE FHC E O MAU NEGÓCIO DA VALE

A JORNALISTA mexicana Sílvia Palácios, correspondente, no Brasil, da revista EIR (Executive Intelligence Review), garante que o ex-secretário de estado de Nixon, Henry Kissinger, pediu urgência ao presidente norte-americano Bill Clinton, em “manter relações especiais, de natureza estratégica, com o Brasil do presidente Fernando Henrique Cardoso”. Em comentário que fez, numa coluna de jornal, Kissinger chamou FHC de “filósofo, por isso mesmo companheiro ideal, capaz de elevar nossa visão, de modo a concretizar a promessa histórica da América.”

Segundo a jornalista, no artigo que escreveu sobre esse assunto, Kissinger não cita uma vez sequer o nome do atual presidente do México, Ernesto Zedillo, mas, nas entrelinhas, recomenda a Clinton que se afaste dele, e, em troca, elabore sua política ibero-americana em torno de Cardoso.

Com isso, no entender de Sílvia, Kissinger reconhece que “o melhor aliado, no momento, dos interesses anglo-americanos na América Ibérica, é o presidente Cardoso, membro fundador do Diálogo Interamericano, cujas diretrizes destrutivas foram seguidas por FHC, inclusive no caso das alianças com o chamado Foro de São Paulo”, organização que a repórter chama de narcoterrorista.

Em sua análise, ela acrescenta, ainda, que FHC também cumpriu as diretrizes econômicas do DI, ao entregar partes estratégicas da economia brasileira a interesses anglo-americanos, “seja diretamente ou através das privatizações”.

Os elogios de Kissinger a FHC dever-se-iam, ainda, a medidas concretas que o presidente brasileiro adotou recentemente, como a privatização da

Vale do Rio Doce, terceira companhia mineral do mundo, entregue, segundo Sílvia, “a tubarões financeiros internacionais, como George Soros”, o que implica a perda da soberania brasileira sobre a Amazônia.

BANCO

A jornalista menciona, adiante, comentário de Lyndon La Rouche, fundador da EIR, escrito sobre o futuro brasileiro, ao inteirar-se de que “o Hong Kong and Shanghai Bank (HKSB), símbolo do colonialismo britânico, se instalara no Brasil”. O empresário da EIR havia advertido as autoridades brasileiras para que examinassem o que aconteceu com o ex-Zaire, outro país que também possui grandes riquezas minerais e, por isso, tinha muita importância estratégica. Mas, o poder central daquele país foi destruído em pouco tempo, juntamente com suas forças armadas.

Na reportagem sobre o Brasil, a jornalista acentua, ainda, que “a Vale foi adquirida apenas por US\$ 3.300 milhões, por um consórcio de companhias nominalmente nacionais e corporações estrangeiras, destacando-

se, entre estas, o mega-especulador George Soros, sócio da rainha Elizabete II”.

Para possibilitar a consumação desse consórcio, encabeçado pela Companhia Siderúrgica Nacional - prossegue Sílvia - foram criadas companhias **ad hoc**, no paraíso fiscal das ilhas Grande Caimán: a Sweet River, da qual participa o Quantun Fund (de Soros) e a CSN Steel International. Com a companhia já privatizada, “o grupo sul-africano Gencor firmou com os adquirentes carta de intenção para participar dos benefícios da compra”.

Mas o ex-ministro de Estado dos EUA destaca, segundo a EIR, principalmente a “agenda política de FHC”, relativa às reformas por ele propostas ao Congresso brasileiro e bastante elogiadas por Kissinger.

FALA DE FHC

A jornalista ainda transcreve declaração feita pelo presidente FHC, às vésperas da alienação da Vale, na qual ele dizia: “Se o governo obtiver US\$ 5 bilhões com a operação e aplicar esse valor a uma taxa de 20% ao ano, isso nos dará de renda US\$ 1 bilhão; no momento, o Tesouro só recebe US\$ 29 milhões

anuais da Vale. Como gestor do dinheiro público, o que é melhor: ter um bilhão de dólares ou 29 milhões?”

Houve, portanto, otimismo nos cálculos presidenciais. Vendida por US\$ 3.300 bilhões, se o produto da venda fosse aplicado a juros de 20% ao ano - que só o próprio governo brasileiro paga, para atrair investidores estrangeiros - o Tesouro embolsaria, em maio de 1998 (um ano após a venda da Vale), apenas US\$ 660 milhões. Até agora, porém, não se tem nenhuma notícia da aplicação dos recursos dessa operação, em qualquer tipo de especulação como as que fazem os especuladores estrangeiros.

Além disso, ao falar em arrecadação de apenas US\$ 29 milhões anuais, proporcionada pelos vários negócios da Vale, FHC se equivocou. Na realidade, além de funcionar como agência de desenvolvimento do País, a empresa recolhia, por ano, direta ou indiretamente, ao erário, cerca de US\$ 280 milhões. A partir de agora, sem os ativos daquela empresa dificilmente o país receberá de seus compradores, a título de impostos, aquela importância. **(Rubem Azevedo Lima)**

25 JUN 1997

Sete Dias da Semana